

Falta credibilidade aos dirigentes da economia

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — As dificuldades financeiras brasileiras, agravadas com o recente episódio da recusa do Banco de Pagamento Internacionais (BIS) de renovar o prazo para o pagamento da parcela de 400 milhões de dólares, estão contribuindo para aumentar a falta de credibilidade na equipe econômica do governo de Brasília. Essa irritação pode ser constatada em diversas áreas, mas ela é mais profunda junto à comunidade bancária internacional, que chega a pregar a necessidade de sua rápida substituição para que haja maior confiança, possibilitando a execução de um plano a longo prazo para o Brasil.

O primeiro sinal evidente dessa má vontade, pelo menos na Europa, foi a entrevista recente do diretor de estudos econômicos do banco francês. Société Generale, que criticou abertamente os ministros da área econômica e o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, obrigando a direção desse estabelecimento, com interesses no Brasil a publicar uma nota afirmando que o banqueiro falaria em nome próprio.

No domingo passado, essa irritação pôde ser sentida num artigo do *Observer* de Londres, que afirma, entre outras coisas, que Margaret Thatcher havia orientado seus ministros para endurecerem o tratamento dado aos países mais fortemente endividados, inclusive o Brasil.

Essa ausência de credibilidade em algumas das autoridades brasileiras é ainda mais nítida na Alemanha Ocidental, onde banqueiros não escondem sua má vontade com alguns responsáveis pela política econômica brasileira. Ontem, na área do BIS, em Basileia, Suíça, admitia-se a possibilidade de os bancos centrais que o integram assumirem individualmente o pagamento dos US\$ 400 milhões, conscientes de que o Brasil não terá condições de honrar seus compromissos.

ÁREA SOCIAL

Alguns bancos centrais, entre eles o da Alemanha, estavam dispostos a aceitar essa solução, mas desde

que todos os demais a aceitassem também. A maior parte deles, entretanto, continuava reticente. Para o assessor de imprensa do presidente do Banco de Pagamentos Internacionais, trata-se de uma partida de poker que estava sendo jogada nas últimas 24 horas.

Por outro lado, uma importante fonte bancária alemã não escondia um certo ceticismo, a curto prazo, após o novo pacote econômico anunciado na véspera pelo presidente Figueiredo. Mesmo reconhecendo que essas medidas poderão ter boas consequências a longo prazo, esperava que essa sobrecarga unilateral sobre os trabalhadores brasileiros não tivesse repercussões negativas na área social, onde a tensão já era grande.

Esse banqueiro, que em diversas oportunidades esteve no Brasil, mostrava-se preocupado com os últimos acontecimentos e lembrava que o País, neste momento, necessita de pessoas que possam aplicar uma política consequente e contínua, não escondendo o seu desejo de ver surgir uma nova equipe econômica, pela falta de credibilidade na atual. Quando indagado se todas essas medidas não visavam a essa política consequente, o banqueiro alemão afirmou que não, pois "o ministro Delfim Netto está apenas procurando corrigir os erros dos 18 meses anteriores".

Nas várias viagens que efetuou ao Brasil, manteve contatos com diversas áreas econômicas, tendo citado o nome do empresário Olavo Setúbal como alguém que inspira confiança geral, pelo menos junto às pessoas que pôde ouvir. Depois de tecer severas críticas ao comportamento dos três principais responsáveis pela política econômica brasileira, não poupou comentários desaírosos a políticos brasileiros, alguns deles candidatos à Presidência da República, citando os nomes do ex-governador Paulo Maluf, do ministro Mário Andreazza e do ex-governador Antonio Carlos Magalhães. Ele diz estar convencido de que não será com esses nomes na Presidência da República que o Brasil vai reconquistar a credibilidade perdida na área econômico-financeira internacional.